ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO PESSOAL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

*Heloisa Alonso**

Atualmente, minha preocupação maior na prática profissional está voltada para uma ação concreta na formação pessoal de um(a) futuro(a) professor(a) de Educação Física. No entanto, ainda tenho muito a aprender em ajustar as minhas ações na relação com o outro e para o outro. E o que ameniza essa angústia é saber que tal fato nos coloca frente a um "exercício pra vida inteira", como dizia constantemente Silvia Carné, durante a minha formação continuada em Prática Psicomotora Aucouturier (PPA).

Sabemos que, infelizmente, a formação profissional dos cursos de licenciatura, no Brasil, não prioriza a formação pessoal do futuro educador em detrimento de uma competência mais técnica, a qual sozinha não irá dar conta das demandas do contexto escolar e das necessidades e interesses das crianças.

Dessa forma, tenho o desafio de apresentar reflexões sobre o processo relacional do professor de Educação Física com os seus alunos e dos alunos entre si, durante o processo de ensino e aprendizagem da Educação Física escolar. Para tal reflexão, teremos os princípios norteadores do sistema de atitudes da Prática Psicomotora Aucouturier (PPA) e os princípios das díades da teoria do desenvolvimento humano de Urie Bronfenbrenner como recurso na formação e na intervenção dos futuros professores de Educação Física.

A Educação Física como componente curricular da Educação Básica visa oferecer uma prática corporal que possibilite ao indivíduo uma educação para a vida (Freire, 2003), no sentido de favorecer a este a descoberta de diferentes formas de se expressar corporalmente nos contextos das atividades físicas e esportes.

No Brasil, a Educação Física, inicialmente, compreendeu o sujeito e suas expressões motoras por meio da concepção biológica. Logo, as intervenções pedagógicas visavam o desenvolvimento do físico como se todos os seres humanos fossem constituídos da mesma forma; não levávamos em consideração a realidade social, cultural, emocional, motora, cognitiva e afetiva dos alunos. Tal configuração pedagógica onerou a atual Educação Física escolar, pois foram muitos anos formando profissionais para atuarem pautados na referida concepção.

UNIDADE 6 – 13/09/2017

O professor de Educação Física, no contexto escolar, está preparado para ajudar o seu aluno: a entender e compreender as ações motoras numa perspectiva criativa e autônoma; a aprender a lidar com seus sentimentos e com as relações sociais presentes no e com o grupo; a ultrapassar um simples ato motor automatizado e estereotipado, e a ter uma prática corporal consciente e prazerosa, dispondo do seu corpo livre – quem sabe? – das amarras emocionais.

Para dar conta de alguns objetivos citados, tenho consubstanciado minhas intervenções profissionais a partir dos princípios da Prática Psicomotora Aucouturier (PPA). Tal prática considera o "desenvolvimento psicológico" por meio da "construção psicossomática", a qual passa a ser "um convite para se compreender o que a criança expressa sobre o seu mundo interno pela via da motricidade", bem como a possibilidade de se "compreender o sentido dos comportamentos" (AUCOUTURIER, 2011, p.17). A PPA oportuniza a criança a ter ações livres num "espaço assegurado com qualidade relacional". É importante destacar, também, que "a inclusão em um espaço desejado, no qual a criança é reconhecida, onde ela pode expressar seus desejos, seus fantasmas e seus afetos, é um espaço de segurança e liberdade, necessário à construção de si" (AUCOUTURIER, 2011, p.146).

É fato que as finalidades da PPA são diferentes da Educação Física – uma se destina ao desenvolvimento psicológico da criança e a outra, ao desenvolvimento humano/comportamento motor –, mas, mesmo com finalidades distintas, essas áreas de conhecimento têm um ponto comum, que é a relação do profissional com a criança em seus contextos e processos de aprendizagem.

Podemos adiantar, sem nenhum estudo cientifico, simplesmente pelo fato de atuar como docente em cursos de graduação há 30 anos, que não se tem cursos de graduação em Educação Física que, em sua proposta pedagógica, destaquem a formação pessoal do futuro professor, no sentido de prepará-lo para o processo relacional com seus alunos, como a PPA prevê.

Dessa forma, vamos ao exercício de destacar aspectos relevantes do sistema de atitudes de um psicomotricista da PPA com intuito de apontar a importância do processo relacional nos contextos dessas práticas em questão.

Nesse método, para que tenhamos bons resultados como um recurso para o desenvolvimento da criança, é necessário que o psicomotricista esteja atento às suas atitudes no processo relacional que se dá com a criança durante a sessão da PPA.

UNIDADE 6 – 13/09/2017

Aucouturier (2011) enfatiza a importância de o psicomotricista acreditar na criança e respeitá-la. Respeitar significa que temos a possibilidade de entender uma "situação da forma como se apresenta, seja ela satisfatória ou insatisfatória, agradável ou desagradável, bonita ou feia" (LUCKESI, 2000, p.12). Quando a criança se sente respeitada e acolhida, ela tem maior chance de expressar seu mundo simbólico e emoções sem medo dos julgamentos. A criança é o centro do dispositivo e, nessa condição, nós a respeitamos.

A atitude de acolhimento do psicomotricista se desdobra em uma boa escuta, que irá "favorecer a comunicação, a disponibilidade e a compreensão do outro". O exercício verdadeiro do acolhimento e escuta demanda que estejamos atentos, pois não nascemos com tais atitudes. Precisamos exercitá-las, interiorizá-las, compreende-las, com certo distanciamento das emoções do indivíduo, para que não sejam palavras soltas, sem significado no contexto de ação do psicomotricista. Aucouturier (2011) destaca, sobre tal atitude, que "trata-se de um denominador comum básico" no processo relacional que estabelecemos com as crianças (p.237).

Assim, destacamos como um dos princípios para o sistema de atitudes do psicomotricista a demonstração de disponibilidade corporal para esse processo relacional com as crianças durante a PPA.

A sessão de PPA deverá "proporcionar uma segurança afetiva e material pra que se dê a expressividade motora livre", e, para que esse objetivo seja alcançado, o psicomotricista deverá adequar sua postura, olhar, mímica, sorriso e ajustes tônico-emocionais, no sentido de desencadear a comunicação verbal e não verbal da criança (AUCOUTURIER, 2011).

Existem crianças que convidam o psicomotricista a brincar com elas durante a sessão, o que pode ser uma grande armadilha, pois o mesmo tem que contar a ela que ele está ali para ela e não com ela, ou seja, o psicomotricista irá facilitar sua brincadeira, mas não brincará com ela.

Para não cometer erro de interpretação, lanço mão das palavras do autor do método, quando fala sobre a importância da atitude assertiva do psicomotricista no contexto da PPA.

Ele nos fala que:

> o psicomotricista está consciente de que ele dinamiza a evolução da criança, graças as suas proposições, suas orientações e seus limites claros, não verbais e verbais. Ele permite, dessa maneira, que as crianças vivam o prazer, que evoluam para formas cada vez mais elaboradas de simbolização, sabendo que, sem essa intervenção, as crianças, sozinhas, não o conseguiriam. Por isso, devemos ficar atentos à menor mudança das crianças, no sentido do prazer de simbolizar, comunicar e descentrar (AUCOUTURIER, 2011, p. 238).

Outra atitude importante do psicomotricista na PPA é o "olhar periférico", ou seja, deve estar "atento às atividades e às relações entre as crianças", bem como à segurança das mesmas durante as manifestações da expressão motora livre. O psicomotricista deverá também responder de forma equilibrada às situações nas quais possam aparecer conflitos entre as crianças, configurando um agressor e o agredido.

Devemos conter nosso impulso de agir a favor da vítima. Tais situações poderão acontecer, e o psicomotricista deverá adotar as seguintes atitudes: 1ª) não agir de imediato e perceber as emoções que o invadiram diante do fato – esse tempo fará com que sua ação não seja impulsiva; 2ª) a sua escuta deve estar voltada para as duas crianças ou mais. Sempre haverá falas que contam coisas diferentes. Logo, terá que atender aos dois, ou mais, no sentido de compreender o que cada um viveu com a situação.

Os comportamentos ditos difíceis das crianças e entre elas fazem parte da natureza humana. Ao que devemos estar atentos são as repetições desses comportamentos, como de agredir, de provocar e os instáveis. Aucouturier (2011, p.240) propõe que nos posicionemos com essa "criança destruidora com carinho, mas também com firmeza e sem ambiguidade". Como existe a criança agressiva, também tem a passiva, insegura, medrosa e que se recusa a se relacionar. Essa criança deverá ter a atenção do psicomotricista no sentido de dar a ela "segurança afetiva", sem fazer pressão para que ela aja e sim se utilizando de perguntas como "do que você tem medo?".

Após essa exposição dos principais aspectos sobre o sistema de atitudes do psicomotricista da PPA, que coloca a criança em primeiro plano no dispositivo desse método e nos ensina o quanto devemos respeitá-la na sua complexidade de comportamento, constatamos a

distância que nós, profissionais de Educação Física, estamos de estar disponíveis para nossos alunos.

Entendemos que se faz necessário, no contexto de uma ação pedagógica da Educação Física escolar, um ato de ensinar em que se planeje e execute o processo de ensino e aprendizagem, tendo como referência as questões socioculturais do ambiente em que se dá a aprendizagem, por meio de um constante diálogo entre educador e educando, que visa uma contribuição para o desenvolvimento global deste educando (ALONSO, 2011).

Para tal, também descreveremos um dos princípios que norteiam a teoria do desenvolvimento humano proposto por Urie Bronfenbrenner. Esse autor nos lembra de que o contexto da aula pode ser também considerado como um "microssistema", o qual é constituído de um padrão de atividades, relações interpessoais e papéis experimentados pela pessoa em desenvolvimento, num dado ambiente com características físicas e materiais específicos. Esse microssistema – aqui, o ambiente da aula – nos oferece vários elementos e passa a ser um grande palco para o desenvolvimento emocional, motor e cognitivo da criança.

As atividades realizadas por uma pessoa, ou que outras pessoas realizam com ela durante a aula, são de fundamental importância para o seu desenvolvimento. Essas atividades podem ser "molares", quando um "comportamento continuado que possui um momento (quantidade de movimento, impulso) próprio é percebido como tendo significado ou intenção pelos participantes do ambiente" (BRONFENBRENNER, 1996, p. 37). E a "atividade molecular" passa a ser caracterizada por um comportamento sem significado e momentâneo.

Não podemos esquecer que o que tem significado para uma pessoa pode não ter para outra. O autor considera as atividades molares, conforme são apresentadas pela pessoa em desenvolvimento, como indicadores do "grau e natureza do crescimento psicológico", bem como "desenvolvimentalmente instigadoras".

As relações interpessoais, como contexto do desenvolvimento humano, se dão a partir das relações entre os indivíduos nas atividades em um determinado ambiente, realizadas em grupo ou não. Quando tal atividade é realizada a dois, professor e aluno, ou aluno e aluno, estabelecemos uma configuração de díade durante o trabalho do grupo. Segundo Bronfenbrenner (1996), uma díade é formada sempre que duas pessoas prestam atenção às atividades uma da outra —"díade observacional"— ou delas participam conjuntamente — "díade de atividade conjunta" (p. 47).

UNIDADE 6 – 13/09/2017

A díade conjunta apresenta certas propriedades, como a reciprocidade, o equilíbrio de poder e a relação afetiva, as quais destacamos como elementos ricos no contexto do processo de ensino e aprendizagem, favorecendo o desenvolvimento da criança.

A reciprocidade é identificada pela forma como as pessoas interagem entre si. Esse procedimento estabelece uma motivação nos participantes das atividades, que não só se envolvem na realização da tarefa, mas ainda se engajam em padrões de interação social progressivamente mais complexos.

Já o equilíbrio de poder, para Bronfenbrenner (1996, p. 47), é significativo para o desenvolvimento social do indivíduo quando este recebe uma crescente oportunidade de exercer o controle da situação. Esse tipo de "atividade conjunta estimula a pessoa a conceitualizar e manejar as relações de poder", oferecendo, ao mesmo tempo, oportunidade de efetuar uma "transferência gradual de poder, de maneira espontânea, como uma função do caráter ativo da pessoa em desenvolvimento, em relação ao meio ambiente".

E a terceira propriedade das relações interpessoais é marcada pela relação afetiva, que se estabelece à medida que os sentimentos positivos e negativos são exteriorizados pelos indivíduos, durante as relações "didáticas".

O comportamento afetivo-social da pessoa está fortemente ligado à condição de conhecer a si mesmo e aos outros, influenciado pelos sistemas de símbolos da cultura dos componentes do grupo social. O aspecto interpessoal está baseado numa capacidade nuclear de perceber distinções entre os outros, em especial, contrastes em seus estados de ânimo, temperamentos, motivações e intenções, buscando a compreensão do outro para trabalhar com eles.

O comportamento afetivo-social da pessoa está fortemente ligado à condição de conhecer a si mesmo e aos outros, influenciado pelos sistemas de símbolos da cultura dos componentes do grupo social. O aspecto interpessoal está baseado numa capacidade nuclear de perceber distinções entre os outros, em especial, contrastes em seus estados de ânimo, temperamentos, motivações e intenções, buscando a compreensão do outro para trabalhar com eles.

Na escola, além de outros contextos e ambientes em que a criança se insere, dar-se-á um processo de aprender a se conhecer; "filtrar" o que irá aprender durante toda a vida; aprender a fazer; saber resolver problemas; adquirir uma qualificação profissional; se relacionar em grupo, viver com os outros; e aprender a ser, poder agir com autonomia, expressando opiniões e assumindo as responsabilidades pessoais para melhor desenvolver a cognição, a motricidade, a afetividade e a sociabilização.

UNIDADE 6 – 13/09/2017

Até o presente, apresentamos construtos teóricos que podem subsidiar a prática pedagógica do professor de Educação Física. No entanto, o que mais precisamos é mudar nossas atitudes frente aos desafios que o processo relacional com os nossos alunos e entre os mesmos nos impõe.

O que faz a diferença não é *onde* e *o que* se ensina, mas *como se ensina*, ou seja, como percebemos o aluno e como preparamos o ambiente para a aprendizagem.

Se quisermos possibilitar aos nossos alunos manifestações corporais no âmbito das atividades físicas e esportivas de forma reflexiva, crítica, prazerosa e consciente da sua movimentação corporal, precisamos definitivamente mudar nosso olhar para esse processo viciado de uma educação estéril.

O desafio de fazer com que o aluno compreenda o que se está vivenciando é um dos pontos-chave para alcançarmos uma proposta de autonomia de prática corporal consciente, mas não o suficiente se os profissionais envolvidos nesse processo não possuírem a consciência e a compreensão de que o aluno tem que ser visto, percebido e aceito com suas individualidades no coletivo.

Consciência é a capacidade de avaliar as informações sensoriais, de responder a elas com pensamentos e ações críticas e de reter traços de memória de forma que traços ou ações passadas possam ser usados no futuro.

Já em relação à compreensão, Morin (2003, p.95) lembra que esta se tornou crucial para os seres humanos, e que devemos educar para “compreensão humana” na esfera educacional.

Para esse autor, a compreensão humana difere da compreensão “intelectual ou objetiva”. Esta última refere-se à necessidade de conhecer o objeto e aplicar-lhe todos os meios objetivos de conhecimento. A “compreensão humana vai além da explicação”, na medida em que “comporta um conhecimento sujeito a sujeito”. Compreender abarca, necessariamente, um processo de “empatia, de identificação e de projeção”. O outro não é visto e sim “percebido com aquilo que nos identificamos”.

Essa configuração da compreensão humana nos coloca verdadeiramente como seres constitutivamente sociais. Ser social está intimamente ligado à sociedade a que pertencemos. Se seus membros validam condutas que estabelecem o respeito, a honestidade, a seriedade na ação, o amor com o próximo, consequentemente será esse o nosso modo de educação e sociedade. Mas se as condutas forem de abuso de poder, mentiras, hipocrisias, desrespeito à individualidade, serão essas formas de ser que determinarão nossa educação e sociedade.

UNIDADE 6 – 13/09/2017

Logo, os princípios teóricos propostos por Bronfenbrenner no "microssistema" e os princípios do sistema de atitudes do psicomotricista da PPA deveriam ser pensados como uma das possibilidades no processo da formação pessoal do profissional de Educação Física, sendo eixos norteadores de uma proposta curricular nos cursos de graduação em Educação Física, no sentido de proporcionar uma "compreensão humana" nas atividades profissionais.

O despreparo do profissional na área de Educação Física escolar, no aspecto relacional com os seus alunos, é fruto de uma formação pessoal que se inicia nos seus primeiros anos de vida e é reforçada por um sistema de ensino que pouco estimula o indivíduo à busca do autoconhecimento, ou seja, olhar para si, perceber seus próprios sentimentos e emoções e ajustá-los de acordo com a função e o papel desempenhado em um determinado ambiente.

Acreditamos que o autoconhecimento do professor é um ponto de partida essencial para estabelecer um processo relacional com seus alunos nos contextos das aulas de Educação Física escolar, de forma que o exercício profissional deste possa ser prazeroso, consciente, ético, crítico, respeitoso e amoroso.

Consequentemente, o educador com essa formação poderá melhor ajudar os seus discentes a obter uma formação humana que objetive seu desenvolvimento como pessoas, capazes de ser procriadoras, junto com as outras, de um espaço humano de convivência social desejável em direção à construção de uma sociedade em que se priorize a compreensão humana.

*Professora da Escola de Educação Física e Desporto
da Universidade Federal do Rio de Janeiro

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Heloisa de A. G. *Pedagogia da ginástica rítmica*: teoria e prática. São Paulo: Phorte, 2011.

AUCOUTURIER, Bernard. *O método Aucouturier*: fantasmas de ação e prática psicomotora. Trad. Maria Cristina Batalha. 2. ed. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2011.

BRONFENBRENNER, Urie. *A ecologia do desenvolvimento humano*: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. *Making human beings human:* bioecological perspectives on human development. California: Autor, 2005.

FREIRE, João Batista. *Educação como prática corporal.* São Paulo: Scipione, 2003.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação*. 10. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1997.

GARDNER, Howard. *Inteligências múltiplas*: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LUCKESI, Cipriano C. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?. *Revista Pátio*. Novas Perspectivas em Avaliação, ano 3, n. 12, fev-abr, 2000.

LÚRIA, A. *Fundamentos de neuropsicologia*. São Paulo: EDUSP/Livros Técnicos Científicos, 1981.

MORIN, Edgard. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2003.